

Sucessão ao pé de café

Retirado da política, mas não dos políticos com os quais ainda convive, o ex-deputado Alencar Furtado planta café numa chácara em Planaltina, e está corado e feliz. Cassado pelo ex-presidente Geisel, por causa de uma frase pronunciada na TV — “as viúvas do quem-sabe e do talvez” — referindo-se aos direitos humanos, na época evocados pelas mães, pais, filhos e parentes que percorriam os quartéis atrás de notícias de presos políticos, o ex-deputado, fundador do antigo MDB, preconiza com sua experiência que a sucessão presidencial ainda passará por um moedor de café. Para ele — atualmente sem partido — as posturas mais convincentes da atual campanha são as dos candidatos Aureliano Chaves e Ulysses Guimarães: eles não mudam, são feito rocha, sofreram os males de alianças que o destino atrapalhou. Para perder ou para ganhar — pontifica Alencar — são os densos.

Os demais candidatos estariam mudando mais de postura e de discurso do que as mudas de café neste frio. Por isso, a sucessão não está definida. Longe disso, porque faltam ainda pinos de segurança para atar os candidatos à alma mutante do povo. Como explicar — pergunta Alencar — o fenômeno Collor, e a razão de ter seduzido a massa brasileira? Ser, a que é uma repetição apenas do outro fenômeno anterior, o do animador Silvio Santos, que se não tivesse de-

sistido de concorrer já estaria hoje com uns setenta por cento de preferência nas pesquisas? Será o fenômeno de uma eleição-espetáculo?

O ex-deputado pelo Paraná, cuja cassação deu surgimento ao fenômeno José Richa, indaga o que todo mundo faz, mas ele nem sabe dar resposta: a eleição ainda pode contornar o cabo da boa esperança de nossas esperanças. Se não virar, acabará dando o indecifrável — uma crise sem par na história republicana, pela fragilidade das instituições, estupor e medo. O povo pode estar querendo apenas resgatar uma promissória atrasada, depois de tantas frustrações, uma atrás da outra, numa sequência de punições sem pena, à não pequena alma do povo.

Quem faz bem é o **CORREIO BRAZILIENSE** a partir de hoje, quando inaugura, com a liderança do editor Ronaldo Junqueira, uma nova maneira de ver a eleição: pelos olhos do povo. Aqui, os candidatos ficarão **vis-avis** com os representantes da comunidade do Distrito Federal, absorvendo franca e diretamente suas interpeleções. Para uma campanha insossa, insípida e inodora, nada melhor que ver a verdadeira pesquisa — a da palavra solta, sem intérpretes nem tabulações que procura captar a **vox populi** e comandar a massa.